

Este material foi desenvolvido pelo CDM SJ para preservação de memória e auxílio à pesquisa, em acordo com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (Lei nº 13.709/2018, Artigo 7º) que dispõe sobre a utilização para estudos por órgão de pesquisa.

Todas as informações foram baseadas em pesquisas no acervo familiar de Mara Rocha Muricy e em publicações.

Adjacy Sampaio Muricy

(Senhor do Bonfim/BA, 10.04.1916 – São José dos Campos/SP, 25.06.1976)

Natural de Senhor do Bonfim (Bahia), faleceu em São José dos Campos no dia 25 de junho de 1976.

A trajetória do músico é contada na **Revista Violão e Mestres, V.2. N.8, de Dezembro de 1967** (páginas 32 a 34), das quais transcrevemos uma parte do texto original que intitula o artigo "Muricy em São José dos Campos" (mantendo a grafia da época):

"[...] Em tal cidade, mora, compõe música e toca seu violão, Adjacy Sampaio Muricy. É de lá, mas nasceu em Bonfim, Bahia. Na Boa Terra iniciou seus estudos musicais aos 10 anos de idade. No colégio. Faziam solfejo (cantando, claro!), para os candidatos à Banda. Os alunos escolhiam instrumento pela ordem em que terminavam o método de solfejo. Na sua turma, Muricy terminou primeiro e se decidiu por um instrumento: pistão. O mestre da Banda disse não. Não podia porque era muito pequeno ainda. Que escolhesse outro. Muricy não quis saber: ou pistão ou nada. Acabou vencendo, com a aprovação do diretor do colégio. O menino progredia rapidamente. Aos 12 anos já era contramestre da Banda e já começava a compor pequenas peças, "dobrados" e "polcas" para a Banda. A vocação musical se revelava cedo e encontrava ambiente próprio ao seu desenvolvimento. Foi pistão e mestre na Banda do Exército. Atuou muito tempo como músico profissional, integrando orquestras em vários lugares, Mestre de Banda, para ele a música escrita no papel é sentida como se estivesse sendo executada. Possui um senso musical agudo e preciso, que capta imediatamente sutilezas interpretativas e penetra sem esforço em estruturas complexas. Veio para São Paulo em 1934.

Moço, queria fazer serenatas e buscava um instrumento para isso. Acostumado à riqueza de recursos da orquestra, achava que só o piano poderia satisfazê-lo. Mas daí iria precisar de um caminhão para transportar o instrumento! Foi a uma loja de músicas, pensando em adquirir um violino. Mas, foi atendido por uma moça que sentiu o problema e lhe falou no violão. E endossou suas palavras colocando na vitrola uma gravação de Andrés Segóvia. Muricy não teve dúvidas e saiu da loja com violão, método e estante. (página 32)



60.212.826/0001-46



cdmsaojose@gmail.com / socemsjc@gmail.com



(12) 98135.4037



@cdmsaojose / @socemsjc

Seus primeiros companheiros de violão foram Alcides Marinho e Antônio Duarte ("Dengo") de Itapetininga. Tocavam de ouvido na boa escola seresteira daquele tempo. Depois, com o método de Mario Rodrigues Arenas, começou a "advinhar" o violão. Primeiro as notas, depois dedilhado, problemas técnicos. Aos poucos ensinava-se a tocar. Começou a ouvir discos de violão e na década dos 20 assistiu a um concerto de Segóvia e, pouco depois, de Maria Luisa Anido. Observava a técnica e surpreendia-se agradavelmente com a riqueza de matizes possíveis no violão. Seu interesse pelo violão foi intenso extenso. Como quem descobre um mundo novo, encantado pela descoberta, dispôs-se a tirar dela o maior proveito possível. Pesquisou incansavelmente a literatura violonística e, quando se sentia preparado para isso, deu recitais em inúmeras cidades do Brasil. Apresentou-se na Bahia em Salvador e em Bonfim, sua cidade natal, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e em diversas cidades do nosso Estado.

Sua contribuição à literatura violonística é extensa e variada. Tem 8 composições originais para o instrumento, nas quais deixa entrever talento do compositor e a sensibilidade do instrumentista. Possui também inúmeras adaptações (Muricy não gosta do termo "transcrição", acha-o inadequado e insuficiente, já que, na maioria dos casos a transcrição mesmo é impossível), cerca de 50, além de revisões de estudos dos grandes didatas do violão, Sor, Carulli, Cano, Aguado e outros. Mostra-nos como trabalhou alguns desses estudos - sem transformá-los - mas dando-lhes uma interpretação nova, às vezes com variações que enriquecem o contexto. Sua personalidade é rica e seu interesse eclético. Mostra-nos adaptações e composições de todos os gêneros, inclusive jazz. Toca a **Bachianinha** de Paulinho Nogueira, mostrando como a sente.

Para Muricy, o ensino do violão apresenta muitos problemas que precisam ser deslindados com lógica.

Acha que há muito ainda que fazer nesse setor. O professor de violão deve, antes de tudo, dedicar-se ao aluno. Preocupar-se com cada problema particular e dedicar tempo e raciocínio para resolver as dificuldades técnicas como de outra natureza, que porventura venham a surgir.

Fala-nos do método de Mario Rodrigues Arenas, que enfeixa estudos dos grandes mestres, dispostos gradativamente com o fito de proporcionar ao aluno, num só método, aquilo que só encontraria em dezenas deles. É sua opinião que o método de Arenas, aliado à dedicação do professor é perfeitamente adequado e resolve de um modo prático e particularmente eficiente o problema do ensino.

Mostra-nos seus extensos apontamentos sobre didática violonística. Seus excelentes resumos dos problemas da técnica, feitos com dedicação e inteligência. Deixamos São José dos Campos, satisfeitos por saber que a cidade bi-centenária conta com um violonista da qualidade de Muricy, cujos ensinamentos se espalham pelas cidades vizinhas, criando um círculo de evolução no Vale do Paraíba." (página 34)



60.212.826/0001-46



cdmsaojose@gmail.com / socemsjc@gmail.com



(12) 98135.4037



@cdmsaojose / @socemsjc